

A HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA PARAENSE NO TEXTO TEATRAL – O POVO ESTÁ NO TEATRO QUE A GENTE CRIA¹

Paulo FARIA²

paulofaria.faroeste@yahoo.com.br

No dia nove de maio tive meu texto *Xale Roxo*, livremente inspirado em contos do Dr. Alfredo Mesquita, lido na Casa da Palavra, em São Paulo. Saí daquela casa na Rua Lopes Chaves tão tomado por um sentimento especial, nostálgico. Ali residiu Mário de Andrade e se aninhou o Modernismo Brasileiro. Mário foi contemporâneo de Alfredo Mesquita e escreveu, na época, críticas sobre os contos que compõem o projeto *3 Casas*. Um projeto em que três autores escrevem e dirigem os próprios textos. Assim, eu, Gabriela Rabelo e Calixto de Inhamuns, primeiro escrevemos os textos, em final de 2009, e outros artistas dirigiram em 2010.

Para a escrita, tivemos encontros memoráveis, um deles, na casa de Ilka Zanotto, que é guardiã das memórias e legados do Dr. Alfredo, que nos revelou histórias deliciosas do fundo do baú. Baú este que continua a revelar surpresas. Um ano depois, em fevereiro deste ano, veio o convite para os autores dirigirem o próprio texto. E junto veio o convite para eu participar do II Seminário de Dramaturgia Amazônica, em Belém do Pará. De cara, percebi a sincronicidade nos dois convites. Seria possível fazer uma aproximação entre a Escola de Arte Dramática de São Paulo e a Escola de Teatro do Pará? Uma vez que a escola do Dr. Alfredo Mesquita influenciou definitivamente as escolas de teatro mais antigas do Brasil, como a de Recife, Porto Alegre e Belém. A EAD foi criada em 1947 e a de Belém em 1963.

No início deste ano, após o convite para a direção de *3 Casas*, em novos encontros, agora para definirmos os caminhos da direção, comentei com Gabriela Rabelo sobre o meu desejo de criar um paralelo entre as Escolas e compartilhar com todos em Belém. Uma vez que o eixo central deste projeto é o de homenagear o Dr. Alfredo, através de seus contos que retratam a São Paulo de 1930. Logo, Gabriela me entregou um livro de um velho amigo seu, Carlos Eugenio Marcondes de Moura, Carlos Marcondes, formado pela EAD no ano de 1962. Seu livro é de 1997 e editado pela SECULT Pará, e que trata sobre os pássaros *O Teatro que o Povo Cria*. Para entender a importância deste livro para a dramaturgia paraense é necessário voltar ao ano de 1963, quando foi criado o Curso de Formação de Ator, da UFPA, para entender a brilhante relação que Carlos faz de nossa cultura com o texto teatral. Ou da cultura de nosso texto teatral originalmente caboclo, O Pássaro.

O início da Escola do Pará teve como mentores e fundadores, Maria Silvia e Benedito Nunes, que importaram de São Paulo, Carlos Marcondes, Amir Haddad e Yolanda Amadei, entre outros, para formar a primeira equipe de professores daquele sonho que até hoje alimenta a todos nós. Logo, outros profissionais vieram se somar à equipe, como Rodrigo Santiago e Paulo Villaça. Li o livro, me delicieei com o resgate que o autor faz sobre o gênero folhetim presente nos pássaros e fiquei pensando: será que essa foi a dramaturgia que Carlos encontrou em Belém? Será que só montaram os clássicos e contemporâneos como tradição da EAD USP? Ou houve alguma investigação regional para saber qual teatro se fazia na época?

Decidi, então, bater um papo com Carlos Eugenio. E logo nos encontramos em seu apartamento. Num papo molhado, encharcado de Belém. Durante três horas, o gentil anfitrião foi revelando um passado com o qual fui me identificado, me reconhecendo. Conta que, por um ano moraram na casa de Bené e Maria Silva Nunes na Rua da Estrela. Descreve com carinho a irmã de Maria Silvia, Angelita, como uma mulher à frente de seu tempo. Filha de um desembargador e a primeira engenheira do Pará desfrutava de muito prestígio social. E calou a cidade, em sua peja pequeno burguesa, ao construir sua casa na Rua da Estrela, bem longe dos bairros nobres da cidade das mangueiras. Levou junto para a periferia paraense Maria Silva e Bené, causando um grande furor à época. Ele citou a generosa hospitalidade da família com quem conviveu por um ano de hospedagem.

Os alunos de Carlos na Escola foram nossos mestres. Formaram a minha geração. Entre eles, Luiz Otávio Barata, Nilza Maria (que cita como a maior atriz do Pará), Walter Bandeira, Geraldo Salles, Mendara Mariani, Sonia Parente, Augusto Rodrigues, Maria Helena Coelho, Claudio Barradas, entre outros. Desde último, ele fez uma confissão que negará sempre, e que, aqui a cito como uma ficção histórica revelada em um sonho confuso. O que é ficção e o que é realidade? É tudo teatro.

A primeira sede da Escola foi num bangalô geminado na Travessa Benjamim Constant, que foi destruído por um incêndio estranho. Alguns comentaram que foi uma pane no equipamento do cine-clube que funcionava ali. Mas nunca foi revelado o real motivo do incêndio. Corta. Flash-back. Voltamos uma semana antes do incêndio, naquele ano de 1963, ao final de uma peça, – além de dirigir as montagens na escola, também atuava – Carlos foi ovacionado por uma vaia constrangedora, comandada por Barradas e os atores de seu grupo de teatro. Carlos conta que ficou desconfiado do grupo, pois o incêndio foi dali a uma semana. Dias depois do incêndio, uma semana quem sabe, Barradas o encontrou e falou meio assustado e maroto “Eu não tenho nada com o que aconteceu na escola”. Menino pávulo. A escola acabou sendo transferida para outro prédio na própria Benjamim.

Carlos identificou uma rixa entre grupos, que mais tarde veio a reconhecer o fato na tradição do Boi Bumbá, em Belém. Suas torcidas brigavam nas ruas quando se encontravam durante os festejos juninos. Tal violência ocasionou a proibição dos bois nas ruas. Surgiu, assim, o Pássaro, fruto do desejo do povo mais pacífico desse lugar. O Pássaro conserva o mesmo enredo, só que em vez do Boi, o Pássaro, que tinha como protagonista um pássaro ou outros bichos, que era posto vivo numa gaiola, na cabeça de um integrante, e que, depois foi substituído por uma escultura, como até hoje. Por isso a tradição dos currais nos bairros da periferia. Onde O Boi permaneceu. Só era permitida sua apresentação se fossem nos currais, para que só entrasse ali os simpatizantes ao anfitrião. Os arraiais.

Comentei que essa rixa arraigada na cultura paraense, se estendeu por toda a década de 1980, entre os grupos de teatro. Os integrantes de determinado grupo não falavam com os de outro grupo, não podiam frequentar os ensaios, sentavam em mesas separadas no Bar do Parque. Lembro da rixa entre grupos como o Experiência e o Palha, e que hoje convivem tranquilamente, pelo que sei. Era meio Remo ou Paysandu, cupuaçu ou bacuri. Eu sempre saboreei todos juntos. E nessa dificuldade de convívio com grupos, de ter que escolher só um, fiz a proeza de passar por todos de alguma forma. Às vezes acusado de traição. Ora acolhido e amado, ora odiado e expulso. Eu, um apaixonado por todo tipo de teatro, tinha que ser polígamo. E ainda fui aluno da Escola de Teatro. Um itinerante. Um dom Juan teatrante. Até que saí de Belém e formei minha própria companhia em São Paulo com quase 15 anos de existência: Pessoal do Faroeste.

Carlos contou também outro fato que achei curioso. Houve uma vez em que uma família tradicional de Belém, ligada ao ramo da comunicação, convidou toda a trupe da Escola para uma recepção em sua casa, porém as atrizes não poderiam ir, pois atriz e puta naquela época tinham a mesma carteirinha. E a dona da casa vetou as atrizes no encontro, causando em Carlos um dos maiores constrangimentos que vivera. Em uma das leituras de 3 Casas a atriz paulista Sonia Guedes deu um depoimento curioso. Quando fora presa pela ditadura, acabou numa sela com prostitutas, para o delegado todas eram putas. Aí ele pediu a documentação e Sonia deu a sua carteirinha da Escola de Arte Dramática e o delegado perguntou: “Agora puta tem escola?” Eram esses os anos de chumbo.

Carlos se formou primeiro na Escola de Sociologia Política. E depois que recebeu o diploma de cientista político nunca mais voltou às ciências sociais e foi pra EAD. Nesse período que conheceu Maria Silvia Nunes. Sua enorme admiração por ela vem desde 1957, quando era uma jovem artista e intelectual muito respeitada nos festivais de teatro amador e estudantil que pipocavam pelo Brasil. Um deles foi o Festival de Estudantes de Teatro em Santos, organizado por Pascoal Carlos Magno.

Conta com alegria na voz que assistiu ali uma direção espetacular de Maria para *Vida e Morte Severina*, primeira montagem nacional do autor – esse texto foi encomendado por Cacilda Beck para um alto de natal, mas ela achou o tema ali tratado não exatamente da forma que ela tinha encomendado, e não o montou. Norte Teatro Escola do Pará, um Grupo Amador capitaneado por Maria Silvia Nunes faz história no final de década de 1950 no Brasil. Carlos, lembrou também de outra montagem, de um Édipo Rei, “com os atores fabulosos Daniel Carvalho e Carlos Miranda”. Este, tempos depois se tornou um homem importante na história do teatro Brasileiro, ocupou entre outros postos, direção do Serviço Nacional de Teatro.

Quando Maria Silvia e Bené Nunes foram montar o Curso de Formação de Ator, primeiro chamaram o Amir Haddad, que na época morava em São Paulo, e durante seis ou oito meses ficou trabalhando com interessados num primeiro projeto piloto do curso, que contava também com todo apoio do reitor na época, Dr. Silveira, que apesar de formado em medicina, era bastante receptivo não só ao teatro como à música. Ele importou da Inglaterra um instrumental completo de uma sinfônica. Junto com a Escola de Música, que tinha na direção Nivaldo Santiago, foi encenada uma via sacra na Igreja Santo Alexandre. “Que foi maravilhosa” revela Carlos. “Este foi o primeiro espetáculo da Escola, uma Via Sacra.”

A escola era frequentada por uma maioria de baixa renda, a alta sociedade belenense via a escola com certa estranheza, “pois era reconhecida como um antro de bichas, putas e comunistas”. Em 1963 foi feito o festival Shakespeare na Assembléia Paraense. Maria Rita Bordão, recém formada pela EAD fez o cenário e o figurino.

Em outra passagem, cita uma montagem moderna no antigo prédio de São Braz, primeira sede da Faculdade de Arquitetura, num espaço ao ar livre, onde foi montada pela 2ª vez no Brasil, um Edward Albee, que teve antes uma única montagem na EAD. Foi ali que se destacou a o ator Renuncio Napoleão de Lima, que mais tarde foi pra São Paulo, e hoje tem seu nome homenageado no Teatro da UNESP. No mesmo ano uma adaptação teatral de Coelho Neto, “Muito engraçada”, seguida de um Brechet, “com a repressão correndo solta na época”. Na metade de 1965, com bolsa americana, Carlos foi para os Estados Unidos estudar até julho de 1966. Neste meio tempo, o Haddad e Yolanda Amadei voltaram para São Paulo. Paulo Villaça vem substituir Amir e Rodrigo Santiago substitui Carlos. Marbo assumiu a pasta de dança no lugar de Yollanda. Vieram outros professores de São Paulo. Maria Silva e Bené também davam aulas e havia, ainda, um professor de português, Francisco Mendes, uma legenda de Belém na época por seu português castiço.

Quando Marcondes voltou do estrangeiro a Belém era essa a equipe da Escola. Na sequência, montaram um Eurípides, com cenografia de Sara Felix que criou no palco do Teatro da Paz, oito colunas forradas de

juta. No Ver-o-Peso vendia-se peles de animais e a figurinista misturou pele de cobra com seda do Paris N´américa. Crepe com pele de onça. Algo inimaginável hoje, mas de acordo com Carlos, “Era de um resultado cênico esplendoroso”. Essa temporada foi um sucesso, com sessões lotadas. Teve uma senhora dessa alta sociedade que queria uma tal frisa, “mas não há reserva. É de quem chegar, minha senhora”. Respondeu Carlos ao telefonema no teatro. “Então não vou falar com o senhor. Saiba que esta frisa é ocupada por minha família desde 1910”. Calou-se a grande dama. Era esta Belém que Carlos encontrou. Mas será que mudou?

A montagem em seguida, foi uma parceria da Escola de Teatro com a Escola de Música, um Claudio Monteverdi *Lágrimas do Amante no Sepulcro da Amada* também no Teatro da Paz. Carlos ajuda a alicerçar as bases de nossa Escola até o final de 1967. Teria que tomar uma decisão, ou ficava ou voltava pra São Paulo para se dedicar à carreira de ator, pois se formou e veio para Belém. Então, retornou. E, trinta anos depois, no final da década de 1980, volta para fazer sua pesquisa de doutorado sobre O Pássaro que gerou o seu livro.

Antes de sua partida, montou *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire na turma do Luiz Otávio Barata. Comentei que em 1977 ou 78, numa de minhas aventuras de infância, entrei escondido pelos fundos do teatro da Paz, durante um ensaio desta peça, com Zélia Amador e Margaret Refskalefsk, com direção do seu ex-aluno Luiz Otávio Barata. Ele suspirou de alegria, “Eu não sabia que ele montou. Que maravilha! Fiquei chocado com a sua morte aqui em São Paulo. Morando em albergues...”. Pude contar alguma novidade para o homem que falava pra mim sobre todas as coisas que em mim estavam guardadas.

Carlos saiu de Belém com forte interesse pela dramaturgia do Pássaro que acompanhou durante toda a sua estada belenense. Chamava-lhe atenção a influência do folhetim na transposição do Boi para o Pássaro. Personagens como pajé, substituído pela fada do cinema americano. As vedetes com minúsculas roupas. Tudo influência dos idos de 1940. Neste período, surge o teatro de revista, com total influência do folhetim das fitas americanas. O Pássaro junino surge nesse período do teatro de revista feito na época em que Belém que, depois do Rio de Janeiro, era a principal capital desse gênero na era da Segunda Guerra Mundial, em parte, devido ao clima gângster regional que misturava contrabando, com vedetes e variedades.

Neste cenário surge o nosso folhetim caboclo, que depois invade a rádio e a TV. “Maria Helena Coelho e Maria Silvia batalharam muito na TV pra se criar uma produção local das novelas e programas.” Maria Helena Coelho, que também foi da primeira turma da Escola, se formou em literatura em Belém e depois em psicologia em São Paulo. Ela tem uma história que vou contar aqui por achar muito doce e fabulesca. Aparece em Belém uma Cia de opereta em 1915, e seu avô era governador,

e conhece uma integrante da Cia. Ele baixo e caboclinho se apaixona perdidamente pela elegante, bela e alta cantora lírica. Ela vai embora para Europa. Ele cruza os mares e vai pedi-la em casamento. E volta a Belém com sua futura esposa amada por toda a vida. Ela abandona a carreira e se dedica à família. Teve três filhos e alguns netos, entre eles, Maria Helena Coelho. De acordo com Carlos é a pessoa que mais tem informações sobre esse período, depois da própria Maria Silvia.

Histórias... Muitas histórias pra contar.

A dramaturgia paraense teve sua raiz no teatro de revista nazareno, podemos afirmar, então. Fato este que, somado à criação da Escola paraense, com seus autores contemporâneos e clássicos da história da dramaturgia universal, causa uma mistura, uma miscigenação, um caleidoscópio, que influenciou toda a dramaturgia na década de 1970 e, principalmente, em 1980. Autores como Ramon Stergmann, aqui homenageado, João Lenise, Edyr Augusto Proença, Nazareno Tourino, meus colegas, entre outros. Textos como *Ver de ver-o-peso*, *Gudibai Pororoca*, *Nó de Quatro Pernas*, *Meio Metro de Metrôpoles*, *Foi Boto, Sinhá!*. Ou mesmo *A Casa da Viúva Costa*, que foi remontada em 1988, com músicas originais de Waldermar Henrique e texto de Antonio Tavernart.

Carlos assistiu esta montagem e cita em seu livro, que teve orientação de Maria Silvia Nunes e foi a primeira direção de Wlad Lima. Participei dela fazendo o personagem Menino Babá – da minha galeria de muitos Joãozinhos que fiz em Belém. Esta pérola genuína dessa matriz do teatro de revista, dos melodramas nazarenos. Cito aqui um trecho de seu livro.

O teatro nazareno, em fins da década de 1930, começou a decair, mas, ainda em 1938, funcionavam simultaneamente na capital paraense cinco casas de espetáculos: o Moderno, ocupado por uma companhia de variedades; o Ideal, onde se apresentava a companhia do ator Carlos Campos, considerado o maior talento de seu tempo; o Variedade, ocupado por outra companhia regional, a do ator Cantuária; o Glória, onde se apresentaram várias vezes os populares cômicos do sul Jararaca e Ratinho e, finalmente, o Poeira, onde o público aplaudia Genésio Arruda e sua companhia de disparates cômicos, do Rio de Janeiro.

Desse movimento de animação teatral resultou um grande acervo de peças, cujo destino se ignora. Uma dessas peças, *A Casa da Viúva Costa*, foi reencenada em 1988, pelo Serviço de Teatro da UFPA. O teatro nazareno, com toda a sua simplicidade, pobreza e fácil comicidade, foi evocado pelo músico e compositor Marcos Drago, em entrevista à publicação *Revista cultural* em 1989 (MOURA, 1997, p. 101).

Quando criança e adolescente, participava ativamente de todos os festejos juninos do colégio, e sempre assistia a todos os bois e pássaros pela cidade. Coincidentemente, ia à Rua Estrela, onde Carlos viu os

seus primeiros Pássaros, e depois no Teatro São Cristovão. Minha mãe tinha uma amiga muito pobre, uma benzedeira, a D. Mocinha, para onde eu passava períodos durante essas festas. Em frente à sua casa armavam um curral, onde as festas aconteciam dentro. Esparramava-me por todo esse imaginário. Ainda em Santarém e Marajó, para onde ia de férias. Cheguei a ter um circo no fundo do quintal de minha avó, em Santarém. Ia assistir aos dramas dos circos, ou as encenações juninas e no dia seguinte fazia minhas versões no quintal, carregadas de influência da rádio novela, telenovela e fotonovela – esta então era mais fácil adaptar, pois já vinha em diálogos e demonstração de como *arrumar* a cena. Depois de ler o livro de Carlos, pude entender que assimilei esse imaginário, e se tivesse vivido naqueles anos de 1940, com certeza, também escreveria e dirigiria minhas revistas, meus folhetins. Teria a minha Companhia.

Em meu caminho de um homem de teatro, o que mais me embebedava nos melodramas antigos, é o que há de singelo e espontâneo em seus temas originais. Por isso, a TV se apossou da tamanha embocadura que esse gênero tem, e importou os melhores dramaturgos surgidos na efervescência das décadas de 1950 e 60. Cresci sob essa influência e frequentei sempre a periferia, as pontes, as quebradas, as ilhargas em Belém. Tenho nesse gênero a certeza de uma comunicação de forte apelo popular. Porém, busco temas que não são tratados nos melodramas. Subverto seu conteúdo e me perco deslizando em Brechet, soletrando Tchecov, digerindo Shakespeare, identificando-me com Almodóvar, com a contemporaneidade. Buscando as pérolas, os biscoitos finos para o povo. São tantas histórias que precisam ser contadas. Tantas injustiças que devemos denunciar. O teatro é política. O homem é político. E o teatro é do povo. E dele nunca deve se afastar. Uma vez Haroldo Maranhão, em uma entrevista em Petrópolis, no Rio de Janeiro, me disse “Eu sou um animal político”. E eu pensei “Eu também”. Nossa política? A estética. Só faz sentido fazer se não for só pra mim. Tem que interessar a alguém. A quem? Ao povo? Que povo?

Nesses anos em minha companhia, escrevendo e dirigindo o próprio texto, e numa estrutura que mistura melodrama, com drama histórico e teatro épico, eu vou me certificando pelos debates após as peças, por esse mundão dos Brasis, que o povo gosta de se ver representado em seus conflitos, através de uma estrutura simples que ele identifica, mas que ali, em nossa produção, tem seus conteúdos alterados, criando um ruído, despertando a linguagem. Às vezes, escuto de um público “Vim pra cá achando que não ia entender nada, mas vim. Desliguei a novela da TV e vim. Chegando aqui, agora, eu gostei. Parece a novela da TV, mas aqui ela é melhor. Eu não conhecia, não sabia que era assim. Que a novela podia estar no teatro também”.

Neste ano em que homenageamos Ramon Stergmann, homenageamos a mais verdadeira tradição de nossa dramaturgia que

é o teatro nazareno e suas influências hoje. Neste ano de uma homenagem justa, gostaria de também homenagear Benedito Nunes que nos deixou num mundo melhor, um novo mundo maravilhoso, e assim, homenagear, também, sua companheira eterna, que iluminou o teatro no Pará, Maria Silvia Nunes. Criou essa Escola, que nos possibilita olhar para nossa cultura local e para a cultura universal, buscando sempre retratar o homem do seu tempo, com seus medos, com suas alegrias, com as injustiças, com a dor e alegria. O Homem na Amazônia. A cultura amazônica. Maria Silvia nos provocou ao misturar *petit gatau* com tacacá. E nos servir em sua mesa, sempre farta, alimentos para as nossas fomes. Obrigado Dr. Alfredo Mesquita. Obrigado Maria Silvia Nunes. Obrigado à cultura paraense, ao teatro do Pará. Eu um dramaturgo do norte! Da Amazônia! Um brasileiro.

REFERÊNCIA

MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. **O teatro que o povo cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo. Belém: SECULT, 1997.

Notas

¹ Palestra: II Seminário de Dramaturgia Amazônica – 17 de maio de 2011.

² Dramaturgo e diretor da Cia Pessoal do Faroeste, em São Paulo.